

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**AMANDA RUTILLI DINIZ**

**IMIGRANTES DE ORIGEM/ASCENDÊNCIA ITALIANA EM SÃO BORJA**

**São Borja**

**2022**

**AMANDA RUTILLI DINIZ**

**MIGRANTES DE ORIGEM/ASCENDÊNCIA ITALIANA EM SÃO BORJA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Humanas.

Orientadora: Nola Patrícia Gamalho

**São Borja**

**2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

D585m Diniz, Amanda

MIGRANTES DE ORIGEM/ASCENDÊNCIA ITALIANA EM SÃO BORJA / Amanda Diniz.

50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Pampa, CIÊNCIAS HUMANAS,  
2022.

"Orientação: Nola Patrícia Gamalho".

1. Imigrantes. 2. Italianos. 3. São Borja. 4.  
Fronteira. I. Título.

**AMANDA RUTILLI DINIZ**

**IMIGRANTES DE ORIGEM/ASCENDÊNCIA ITALIANA EM SÃO BORJA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Licenciatura em Ciências Humanas.

Dissertação defendida e aprovada em: 22, março de 2022.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Nola Patrícia Gamalho  
Orientadora  
(UNIPAMPA)

---

Profa. Dra. Carmen Regina Dorneles Nogueira  
(UNIPAMPA)

---

Prof. Dr. Edson Romário Monteiro Paniágua  
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **CARMEN REGINA DORNELES NOGUEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/03/2022, às 14:51, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **NOLA PATRICIA GAMALHO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/03/2022, às 14:51, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **EDSON ROMARIO MONTEIRO PANIAGUA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/03/2022, às 14:52, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0759075** e o código CRC **00BFFA3F**.

Dedico este trabalho aos meus pais Jair  
Diniz e Janice Rutilli. Vocês são meus  
maiores exemplos de fé e persistência.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente a Deus por ter sido meu melhor amigo durante os anos de faculdade, pois foi ele quem segurou minha mão e deu colo nos momentos em que mais estava precisando. Sou grata também ao grupo de jovens JEM - Juventude em Movimento da Paróquia São Francisco de Borja por toda força que proporcionaram a mim durante esse tempo.

Agradeço aos meus pais, Jair e Janice, pelo apoio financeiro, pela força, pelas orações e por todo companheirismo e cuidado que tiveram comigo. A minha avó Elida (in memoriam) que durante o tempo em que estive neste plano físico deu a mim todo amor do mundo. Ao meu avô Amadeu (in memoriam) que estive comigo todos os dias nessa caminhada. Aos meus avós maternos, Julio e Vanir, por terem sido os principais responsáveis na construção do meu amor pela cultura italiana.

Agradeço às minhas irmãs, Andréia e Adriane, por terem suportado meu humor até nos dias mais tempestuosos. Agradeço também a minha prima Elenise por ter sido minha inspiração e incentivo durante o curso. Agradeço de forma especial meus amigos, os quais aguentaram minhas lamúrias, alegrias e piadas - as vezes sem graça -, sempre em nome da grandiosa amizade que tivemos. Agradeço também aos amigos que fiz na universidade, meu fraterno abraço aos colegas de caminhada Juliano, Luana e Marjana, sigo na torcida por cada um de vocês.

Agradeço de forma muito verdadeira a professora Nola, a qual desde o início tive certeza que seria minha orientadora, pois sempre foi cuidadosa, amorosa, dedicada e humana com todos. Agradeço também aos professores Anderson, Evandro e Yáskara por serem inspirações. Não posso deixar de agradecer as nossas queridas tias do restaurante universitário que sempre estavam com um sorriso no rosto nos esperando para nossas refeições. Meu singelo agradecimento a toda equipe do campus, não há palavras que possam expressar todo carinho que tenho por vocês.

“Se alguém ou alguma coisa te fez pensar que chegaste ao fim da estrada, não acredites! Se tens conhecimento do amor eterno que te criou, sabes também que, dentro de ti, há uma alma imortal.” João Paulo II

## RESUMO

Este projeto de pesquisa visa compreender o perfil histórico dos imigrantes italianos, evidenciando sua importância a nível nacional, regional e local, no caso específico da cidade de São Borja. Nesse aspecto, buscou-se evidenciar o processo de vinda dos italianos para uma região fronteira, bem como suas contribuições sociais, econômicas e culturais. A realização deste trabalho contou com uma análise de campo, a qual foi efetivada a partir de um questionário aplicado a famílias de origem italiana residindo no município, sua aplicação trouxe interessantes respostas referente ao tema estudado. Portanto, a partir da intensa pesquisa bibliográfica, etnográfica e de campo, respondemos à questão inicial, a qual buscava entender a vinda dos italianos e seus descendentes para a fronteira oeste.

**Palavras chave:** Imigração. Descendência. Fronteira.

## RESUMEN

Este proyecto de investigación tiene como objetivo comprender el perfil histórico de los inmigrantes italianos, destacando su importancia a nivel nacional, regional y local, en el caso específico de la ciudad de São Borja. En este aspecto, buscamos resaltar el proceso de llegada de los italianos a una región fronteriza, así como sus contribuciones sociales, económicas y culturales. La realización de este trabajo contó con un análisis de campo, el cual se realizó a partir de un cuestionario utilizado a familias de origen italiano residentes en el municipio, su aplicación arrojó interesantes respuestas respecto al tema estudiado. Por lo tanto, a partir de una intensa investigación bibliográfica, etnográfica y de campo, respondimos la pregunta inicial, que buscaba comprender la llegada de los italianos y sus descendientes a la frontera occidental.

**Palabras clave:** Inmigración. Descendencia. Frontera.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de áreas indígenas no Rio Grande do Sul (séc. XVIII).....	20
Figura 2 – Italianos na fronteira oeste do Rio Grande do Sul no século XIX.....	29
Figura 3 –Edifício da Società Unione e Beneficenza.....	31

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Imigrantes que entraram e saíram do Brasil até 1904.....	19
---	----

## **Sumário**

1 INTRODUÇÃO	14
2. CONTEXTO GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1 Contexto geral da vinda dos Italianos para o Brasil	16
2.2 Dinâmicas étnicas e territoriais do Rio Grande do Sul	20
2.3 Italianos no Rio Grande do Sul nos séculos XVII, XIX e XX	24
3. INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS	33
3.1 Direcionamento da pesquisa	33
3.2 Aplicação do questionário	33
4. DESCENDENTES DE ITALIANOS EM SÃO BORJA	34
5. CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS 1	41
Questionários	41

## 1 INTRODUÇÃO

Estudando sobre as migrações para o Brasil, ao longo das disciplinas de geografia e história, fui instigada a questionar-me sobre como se deu o processo imigratório italiano para o país e de que forma conseguiu deixar marcas tão significativas para nossa história nacional, regional e local, no caso de São Borja, por ser especialmente a região para onde minha família materna veio a consolidar sua vida em meados de 1960.

O apreço pelo tema também surgiu a partir da leitura de obras que abordavam a questão da imigração, bem como, a escritora Núncia Santoro Constantino, pois chamou atenção o modo como a abordagem referente ao processo imigratório se deu e a forma como sua discussão abrange aspectos para além da cultura italiana, como por exemplo, o papel da diáspora forçada.

Desde muito cedo fui induzida a buscar compreender como se deu a imigração de italianos para o Brasil. Em um primeiro momento, foi uma busca pessoal, mas com o passar dos anos, tornou-se uma inquietação. Considerando que há em minha família descendência italiana, o contato com a cultura existe desde muito cedo, porém havia pouca compreensão como de fato ocorreu as grandes migrações e de que forma ela teria vindo a contribuir no país.

Em relação ao conteúdo abordado neste trabalho, quis trazer de forma muito simples e, ao mesmo tempo, o mais completa possível, o modo como se deu a partida dos italianos para o Brasil, considerando o período desgastante em que o país de origem estava vivendo. Então, partindo dessa primeira compreensão é possível entender sua chegada, sua estadia, suas contribuições e também a sua participação econômica dentro dos estados e, principalmente, no Rio Grande do Sul.

Penso que a partir do material em estudo, muitas pessoas terão um aporte a mais para compreender sua descendência, além do mais, entender muitos outros aspectos que ocorreram na fronteira oeste, bem como nos acontecimentos que antecedem o período anterior às grandes levas de imigrantes, como também no posterior, século XX.

Dentro desta perspectiva, o trabalho busca trazer uma primeira compreensão sobre o que estava acontecendo na Itália, período em que se compreende as grandes

levas migratórias, como também a fase em que o Brasil estava vivendo. Partindo desta primeira análise, o texto discorre sobre a chegada dos italianos no país, logo, são realizadas análises sobre aqueles que vão trabalhar nas lavouras cafeeiras e daqueles que chegam ao sul do país, ora para trabalhar nas charqueadas, ora para auxiliar na colonização de algumas regiões.

A partir da primeira análise trazemos conceitos mais amplos sobre as imigrações, logo, no segundo capítulo aproximamos os leitores um pouco mais, nesse momento passamos a estudar sobre como os italianos consolidaram suas vidas no Rio Grande do Sul, e de que maneira muitos desses imigrantes chegam até a fronteira cidade de São Borja.

Já no último capítulo trazemos a pesquisa de campo, a qual é realizada com cerca de dez famílias, residentes no município de São Borja. O problema central desta pesquisa é a busca por informações a respeito das primeiras famílias de origem italiana a residir neste município, a qual tem por objetivo descobrir se são compostas por imigrantes ou descendentes de italianos.

## 2. CONTEXTO GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Contexto geral da vinda dos Italianos para o Brasil

A política imigratória só passou a ser de fato efetivada com a criação da Lei Eusébio de Queirós e com a Lei de Terras, ambas se tornaram legais apenas no ano de 1850. É a partir das duas leis que o tráfico negreiro acaba e, por outro lado, se inicia a compra e venda de lotes de terras. Pode-se considerar que as duas leis são os divisores de água dentro da história brasileira, sendo que, através delas, o pensamento dos grandes latifundiários também sofre reformulações.

Logo, com a Lei Áurea em 1888, o Brasil passou a apoiar ainda mais a política imigratória, uma vez que, o país estava necessitando de mão de obra rápida e com baixo custo. Objetivava-se trabalhadores para regiões cafeeicultoras ou na formação de novas propriedades como estava ocorrendo no sul do país.

A colonização no sul do Brasil encontraria êxito em áreas em que a ausência de lavouras propiciava a formação da pequena propriedade. Esse processo estava ligado a uma política interna que possuía objetivos bem específicos, ou seja, o intuito era trazer pessoas capacitadas para lugares pouco explorados para auxiliar na economia do estado. Tal política de terras tinha como “normas”:

- 1) evitar a concentração de propriedade, evitando a concessão de mais de um lote a mesma pessoa e a transferência de Glebas antes da totalização do seu pagamento;
- 2) as áreas concedidas deveriam ser efetivamente exploradas;
- 3) O colono deveria morar no seu lote de terra, explorando-o pessoalmente ou através da produção familiar (DACANAL, 1992, p.22).

Os italianos chegam ao sul respectivamente para dar início a uma história, assim nomeando as regiões, construindo suas casas, trabalhando dia a dia. E, aos poucos, foram entendendo que a tarefa que cabia a eles não era apenas auxiliar com a força de trabalho, mas deixar um pouco de si e enriquecer ainda mais a cultura brasileira.

Nesse sentido, podemos ressaltar a importância que imigrantes italianos

tiveram no Brasil. Na visão da autora Pesavento (1985), a partir do século XIX e início do XX, ocorreram significativas mudanças no cenário europeu. Tendo em vista as grandes dificuldades que o território da Itália estava passando (ZANINI, 2005), e com isso o italiano<sup>1</sup> passou a vislumbrar o processo imigratório como um alívio para as tensões internas que estavam ocorrendo dentro do seu país de origem.

Por este conjunto de condições, é possível entender porque a Itália estimulava a emigração, desfazendo-se de cerca de 20 milhões de pessoas no período compreendido entre 1860 a 1940, sendo que 85% deste volume concentrado entre 1860 e 1920. Tratava-se de um mecanismo há muito conhecido e praticado na Europa, que aliviava um país de pressões socioeconômicas, além de alimentá-lo com um fluxo de renda vindo do exterior, em nada desprezível, pois era comum enviar economias para os parentes que haviam ficado. Mas, para os que emigraram, tratava-se primeiramente de sobreviver e, não menos importante, de sonhar com a chance de enriquecer e até possuir um pedaço de terra, quem sabe voltando à aldeia natal como um vitorioso que soube resgatar a dignidade e honra de toda a família. (GOMES, 2007, p. 164).

Havia duas expectativas relacionadas ao processo imigratório, a primeira se deu através dos números, estima-se que entre 1870 a 1920 os italianos formavam 42% dos imigrantes no Brasil (GOMES, 2007). A segunda expectativa, estaria ligada a um “tipo ideal” de pessoa, dentro da qual o italiano se encaixava, ora por possuir proximidade com a língua portuguesa, ora por apresentar costumes particularmente familiares à sociedade brasileira. Barros aponta as características do italiano:

[...] estes imigrantes pioneiros eram homens e mulheres de muito trabalho, afeitos ao sofrimento, fortalecidos por princípios religiosos em nome de uma fé acima de qualquer suspeita, a solidariedade e o espírito comunitário (BARROS, 1998, p. 67).

No entanto, precisamos falar especificamente do porquê chegaram até o Brasil e, conseqüentemente, ao sul do país. Os italianos, apesar de figurarem um tipo específico de imigrante, não chegaram até o Brasil por conta disso. Assim como outros povos, o italiano precisou deixar para trás sua nação por motivos necessários, entre eles, a grande crise econômica e sociocultural do país.

Era a promessa de ascensão social que na Itália se tornara, para muitos, uma

---

<sup>1</sup> Embora a unificação da Itália ocorra apenas na metade do século XIX, aqui trazemos como italiano os povos assim denominados na bibliografia e documentos.

impossibilidade. Mesmo sendo proprietários de terras na Itália, aqueles camponeses viviam num regime de privações, pois as colheitas nem sempre eram boas e os impostos, um pesado encargo. Aqui, no Brasil, faziam poupança para conseguir melhorar suas propriedades, adquirir animais e independência, características estas constantemente enaltecidas, atitudes por meio das quais alguns conseguiram ascender socialmente. (ZANINI, 2005, n.p).

Entretanto, precisamos esclarecer que ocorreram dois tipos de imigração para o Brasil, a primeira leva chega no ano 1831 para substituir o trabalho escravizado por mão de obra de baixo valor. Apesar do governo incentivar a imigração livre, o papel das políticas públicas instauradas na época não foram coerentes, assim o tráfico de escravos ainda continuava, e os imigrantes não chegavam em números significativos (SIMAN apud CERVO, 2011).

A segunda fase começa, segundo Jahnel (1987), a partir do século XIX, quando o café se tornou o produto com maior relevância dentro da economia brasileira, houve então uma intensa busca por mão de obra para trabalhar nas lavouras cafeeiras. Nesse aspecto, fazendeiros da época passaram a considerar o imigrante como uma força de trabalho, a qual viria para contribuir com a manutenção da economia do país. Assim, analisado por Seyferth (1990), esse trabalho seria um demarcador de etnicidade para os italianos.

Segundo Hutter (1987), a política imigratória do Brasil, como a imigratória da Itália, sofreu inúmeras modificações desde 1880, um século atrás o Brasil estava começando a necessitar de mão de obra para lavouras cafeeiras. Logo, um dos países mais aptos a enviar pessoas era a Itália, uma vez que estava passando por uma crise econômica e social. Neste período, o país se encontrava entre os países mais pobres e de índice elevado de pessoas. Na Itália, existia uma baixíssima oferta de trabalho, enquanto que no Brasil, Argentina e Estados Unidos, a procura superou a oferta.

Até a chegada ao Brasil, os imigrantes tiveram que enfrentar grandes dificuldades relativas às bagagens na alfândega e no transporte. Já instalados no Brasil, tiveram ainda outros problemas com relação aos contratos com fazendeiros, nos lotes coloniais e também algumas situações nas indústrias.

Na visão de Hutter (1987), até o ano de 1902, os imigrantes vieram com passagens através de auxílios financeiros, foram poucos aqueles que vieram com dinheiro próprio. Ao fim do século XIX, as lavouras de café começaram a entrar em uma crise, devido à grande produção do café, uma vez que a oferta deste produto se

tornou maior do que a demanda. A crise não se dava apenas pela produção, mas em parte pela ação de especuladores no mercado de Hamburgo, Nova York e Havre. Em detrimento dessa crise, os grandes latifundiários vieram à falência, o estado em que as coisas estavam acabava por afetar os trabalhadores agrícolas, assim os imigrantes passaram a ser amplamente prejudicados. Diante da situação que o Brasil se encontrava, foram enviados diversos relatórios ao governo italiano expressando notícias não satisfatórias sobre o país. Diante dos acontecimentos, o governo italiano criou um decreto em 1902, o qual proibia a imigração gratuita para o Brasil.

Segundo Hutter (1987), esse decreto ficou conhecido como Decreto Prinetti, levando o nome do então ministro do exterior. O decreto determinava a absorção de uma licença para que algumas companhias de navegação pudessem transportar de forma gratuita os imigrantes italianos para o Brasil. Entretanto, não podemos dizer que a imigração tenha diminuído em função do novo decreto, mas em função da crise nas lavouras cafeeiras. Vejamos o quadro a seguir o número de imigrantes que entraram e saíram do país até o ano de 1904.

**Quadro 1:** Imigrantes que entraram e saíram do Brasil até 1904

Ano	Entraram	Saíram
1897	76.451	27.548
1898	34.391	19.445
1899	20.704	20.406
1900	15.804	26.045
1901	56.352	29.181
1902	28.895	21.687
1903	9.444	27.895
1904	9.445	24.140

**Fonte:** Bellentino dell'emigrazione, Roma, 1905 nº17. Apud Pertile Giacomo, op.cit.,p.354)

Observa-se que até o ano de 1898, houve uma grande leva de imigrantes italianos, que mesmo com a saída de alguns, o saldo seguia positivo. No entanto, os anos seguintes possuem um número de entrada e saída quase iguais, assim revelando a crise cafeeira instaurada no país.

Para Gertz (2004), a partir da Primeira Guerra Mundial, em 1914, e da Revolução de 1930, o país viveu importantes divisores de águas no que diz respeito à imigração. A guerra acabou gerando empecilhos para a vinda de novos contingentes, a Revolução por sua vez, trouxe uma mudança na forma de pensar das

figuras políticas da época referente a colonização, como por exemplo, a diversidade da população para a consolidação da nacionalidade.

## 2.2 Dinâmicas étnicas e territoriais do Rio Grande do Sul

Para que possamos discorrer sobre o processo migratório para o Rio Grande do Sul, precisamos entender quais foram as primeiras etnias a chegar ao estado, e como foram distribuídas na região. Anterior às significantes levas de imigrantes, o Rio Grande do Sul já contava com a presença de indígenas em seu território. Vejamos a seguir o mapa que representa as áreas indígenas no sul do país no século XVIII:

**Figura 1:** Mapa de áreas indígenas no Rio Grande do Sul (séc. XVII)



**Fonte:** Releituras da História do Rio Grande do Sul. Luís Fernando Laroque, 2011, p. 17.

A partir das constatações de Laroque (2011), nos séculos XVII e XVIII, estavam acontecendo expansões nas áreas dos povos Charrua e Minuano. Segundo o autor, no século XIX, esses territórios são amplamente tomados por portugueses e espanhóis. Diante da expansão ibérica, a formação das cidades espanholas, e também lusitanas, nos territórios indígenas, foram responsáveis pela mortalidade de nativos e um notório aumento nos conflitos. Somado aos conflitos, havia as ações jesuíticas junto aos guarani.

Afirma Laroque (2011, p. 24) que:

No início do século XVII, os administradores espanhóis resolveram chamar primeiramente os franciscanos e depois os padres da Companhia de Jesus para que, por meio do atendimento religioso, pudessem acalmar os indígenas encomendados ou não. Os jesuítas, em um primeiro momento, opuseram-se, mas acabaram por obedecer as orientações da Coroa espanhola. Inicialmente trabalharam junto ao Guarambaré, Ipané e Guayrá, onde perceberam a inadequação do modelo missionário até então empregado.

Nos primeiros processos do desenvolvimento histórico do atual Rio Grande do Sul, somaram-se vários processos, como as expansões espanholas e portuguesas em territórios Charrua e Minuano, a constituição de Missões Jesuíticas, concessões de sesmarias e a chegada de imigrantes açorianos. Em meio ao novo cenário, acontece uma intensa busca de um efetivo povoamento pelos açorianos, no intuito de transformar a região em um polo de agricultura. O objetivo inicial era que os açorianos ocupariam a região dos 7 povos das Missões Jesuíticas.

Nas palavras de Biblos (2004, p. 179):

Por uma série de fatores históricos, isto não acabou se efetivando, porém a participação populacional açoriana fez surgir vários povoamentos e o desenvolvimento de atividades econômicas essenciais ao longo do século XVIII. O tratado de Madrid estabeleceu, como condição para a vigência de uma paz definitiva entre Portugal e Espanha, que a colônia do Sacramento passasse à Coroa castelhana, e que, em troca, entregava à soberania portuguesa o território ao Norte do Ibicuí, onde estavam as Missões Jesuítico-guaranis.

Os açorianos, apesar de migrarem para auxiliar no novo povoamento da região sul, também foram peças importantes no que diz respeito à atividade agrícola, como

por exemplo, o plantio do trigo. Na perspectiva de Biblos (2004), esses imigrantes açorianos, ao longo do tempo, deixavam a posição de colonos para se tornarem latifundiários criadores. Os primeiros registros de grandes estancieiros portugueses ocorreram no ano de 1732, a partir da distribuição de sesmarias, seus proprietários eram povos provenientes de Laguna e da Colônia do Sacramento.

Diferente do que se pensa, a vinda dos açorianos para o Brasil também foi bastante sofrida, uma vez que, o longo trajeto marítimo e as condições de sobrevivência durante a viagem acabaram por desencadear doenças e, em alguns casos, a mortalidade. O trajeto contava com muitos riscos, em virtude disso, muitos acabavam sofrendo as consequências da travessia. Assim como alemães e italianos, os açorianos também sofreram de forma comovente.

O próprio desenvolvimento da atividade agrícola permitiu que, no século XIX, uma parte dos colonos de origem alemã não se dedicasse integralmente ao cultivo da terra e pudesse especializar-se na produção artesanal e na venda do próprio produto para o mercado. Tratava-se, basicamente, de uma produção mercantil não-capitalista, na qual o artesão, com ferramentas simples, produzia para o consumo local e para o mercado, com o auxílio da mão-de-obra familiar. (PESAVENTO, 1985, p. 26).

Os imigrantes alemães vieram para o estado no século XIX, ocupando uma função social e na divisão do trabalho diferente dos estancieiros e açorianos. Para Piccolo (1998) podemos observar que entre Açorianos (1751) e Alemães (1824), cada um deles tinha um objetivo bem definido.

O estabelecimento do núcleo colonial de São Leopoldo pelo Governo Geral em 1824 foi o marco inicial do processo colonizatório com imigrantes não-lusos no Rio Grande do Sul (...) Com a colonização estrangeira, incentivada pelos governos de D. João VI e de D. Pedro I, objetivava-se entre outros: a difusão da pequena propriedade e do trabalho livre (em contraposição à grande propriedade escravista); a ocupação de espaços (povoamento associado à defesa); o desenvolvimento da agricultura. (PICCOLO, 1998, p.464).

Nesta época, o escravizado era visto como uma figura do passado, que não era mais “útil” para a sociedade, uma vez que, os europeus eram vistos como algo relacionado ao processo civilizatório da época para compor o embranquecimento da população, o qual está ligado ao etnocentrismo, e também ao racismo no Brasil. É

importante ressaltar que existiram dois tipos de política imigratória na época, assim como estabelece Carneiro (1950, p. 10):

(1) a política do governo imperial, criando núcleos coloniais de pequenos proprietários, num prosseguimento da velha ideia colonizadora, inaugurada por D. João VI, com a fundação de Nova Friburgo; e (2) a política dos fazendeiros, que querem imigrantes para a lavoura, à medida que vêm o braço escravo escassear.

No sul predominou o primeiro tipo, enquanto que na região de São Paulo, o segundo. Ou seja, o Rio Grande do Sul tinha como objetivo o povoamento e São Paulo necessitava de mão de obra para trabalhar nas lavouras de café.

Para Santos (2017), a colonização com imigrantes europeus de origem não lusitana daria origem à construção do campesinato no Brasil, o qual deu forma à estruturação dos centros urbanos e também ao pequeno mercado regional na época. Entretanto, a partir das constatações de Santos (2017), a imigração alemã precisou ser interrompida durante a revolução farroupilha que data os anos 1835-1845, ainda assim, com o final do conflito, os imigrantes afastaram-se dos pontos de chegada e acabaram por constituírem novas colônias nos vales dos rios Taquari, Pardo e Pardinho.

Todavia, precisamos levar em consideração que:

Nunca é demais lembrar que no período de 1763 e 1777 o Rio Grande do Sul teve dois terços do seu território ocupado por tropas ligadas ao reino da Espanha e que segundo Kuhn, um dos objetivos da instalação dos açorianos na região era fazer de cada pai de família um soldado na luta contra os espanhóis. Afinal além de sementes, vacas e ferramentas, cada colono recebia também uma arma de fogo. (SANTOS apud KUHN, 1999,p.100-105).

Contudo, além das colônias imperiais e provinciais, também foram fundadas colônias particulares. A partir da afirmação de Woortmann pode-se compreender um pouco mais sobre a Lei Terras:

O processo de ocupação pelos colonos interessava ao capital num duplo sentido: a valorização das terras e a comercialização da produção. Realizando o objetivo da Lei de Terras, datada de 1850, a colonização transforma terras devolutas em mercadoria, cria um campesinato parcelar ao mesmo tempo em que elimina o posseiro (e os grupos indígenas, exterminados no bojo do

processo), e transforma a propriedade no fundamento da subordinação do capital (WOORTMANN, 1988, p.99).

A implementação dessa nova política de terras, na visão de Christillino (2011), tem seu impacto primeiramente na propriedade privada. A promulgação da Lei de Terras teria vindo para auxiliar na mudança estrutural do capitalismo eminente na época.

### 2.3 Italianos no Rio Grande do Sul nos séculos XVII, XIX e XX

Segundo Constantino (2000), os italianos chegaram muito cedo, aproximadamente nos anos 1884 e 1894 ao país, vindo para contribuir com suas profissões e nas ações missionárias. Na capitania da Bahia, por exemplo, existiam muitos italianos, uma vez que a cidade foi um relevante polo econômico. A participação italiana na construção do povo brasileiro foi de grande importância, uma vez que os itálicos estão entre os pioneiros na exploração da costa brasileira e estiveram também entre os brasileiros que mercadejam com as populações indígenas da Mata Atlântica (CONSTANTINO, 2000. P.11).

A operação colonial e açucareira deu-se também com a ciência e os capitais itálicos. Desde muito cedo, missionários italianos partiram para os sertões brasílicos na procura da conquista de almas e homens tidos como perdidos. A transferência da Coroa Lusitana para o Brasil, em 1808, e a independência, em 1822, a grande nação para a contribuição itálica. (CONSTANTINO, 2000. p. 11)

Mais tarde, em meados da segunda metade do século XX, esses “itálicos” continuam suas batalhas no sul brasileiro, agora a partir dos processos em maior escala e imigração para o Brasil. Entre eles estavam comerciantes, construtores, arquitetos, artistas, etc. Esses povos, ainda no período colonial, contribuíram para que houvesse uma evolução econômica, social e cultural no Brasil.

As cidades que sediaram o poder civil e religioso ou representaram os centros comerciais e culturais do Brasil colonial concentraram-se no litoral. Mas as funções tipicamente urbanas sempre foram limitadas nas cidades no período, como explica Viotti da Costa. A utilização da mão-de-obra escrava, a auto-

suficiência do latifúndio, a extrema pobreza do trabalhador livre, agregado às fazendas na condição de morador, foram obstáculos ao desenvolvimento do comércio e do artesanato. As manufaturas estiveram proibidas na colônia portuguesa. (CONSTANTINO, 2000. p 19)

Vejamos que, quando a autora fala sobre onde estavam sediados os poderes civis e religiosos, ela cita que esses estavam concentrados no litoral do território. Durante o período colonial, a capital do Brasil era Salvador, não por acaso esta encontra-se no litoral nordestino, uma vez que a colônia estava voltada para a exportação de produtos primários para a Europa.

Para Luís Fernando Beneduzi (2005), o programa de migração a partir de 1875, se dá a partir de dois elementos, o primeiro deles seria a construção de uma identidade nacional marcada pelo elemento branco, o segundo seriam os festejos das conquistas do imigrante já nos primeiros cinquenta anos de desenvolvimento nas terras brasileiras.

Em 1891 sobe a 84.486, seguindo três anos de menor movimento, até que em 1895 a imigração italiana alcançou o apogeu, registrando a entrada de 106.526 pessoas. Em 1896 a corrente imigratória italiana, por si só, representava quase o dobro das demais, e dois anos depois, em 1898, mais da metade da imigração é ainda de procedência italiana, verificando-se o mesmo nos dois anos que se seguem. (CENNI, 2003, p. 219).

O italiano viria a ser um “tipo ideal” no sentido de “branquear” a população, como também pela familiaridade religiosa, os costumes, mas também por ser uma mão de obra necessária para o atual estágio de desenvolvimento capitalista do país. No caso específico do Rio Grande do Sul, os imigrantes contribuíram no desenvolvimento econômico, o qual ganhou notoriedade no início do século XX.

A narrativa que se consagrou sobre a trajetória dessas famílias vêneto-lombardas e trentinas para a região sul do Brasil parte de uma conjuntura de miséria absoluta em solo italiano e de uma necessidade brasileira de povoamento dos espaços vazios. Dessa forma, na província de São Pedro, em 1870, são criadas as colônias imperiais de Conde d’Eu e Dona Isabel, ambas já na região serrana. (BENEDUZI, 2005, p. 278).

Os italianos tinham poucas opções, uma delas era sair do seu país, o qual

estava aos poucos sendo consolidado, em virtude disso, vinha enfrentando uma série de problemas, tanto sociais quanto econômicos. A partir dessas dificuldades, a opção mais viável naquele momento era negociar a saída de pessoas do próprio país, alguns por vontade própria, outros através de acordos entre Brasil e Itália.

É válido destacar que, anteriormente ao século XX, o Rio Grande do Sul enfrentou uma de suas maiores revoluções. Neste período, houve uma alta no valor dos impostos sobre o charque, assim como Constantino (2000) aponta:

Durante o Período Regencial, a sangria dos impostos representou desestímulo maior à produção do charque, enquanto incentivava contrabando de gado em pé para o abastecimento de charqueadas uruguaias. O preço do charque oriental tornara-se mais conveniente porque, na sua produção eram utilizadas técnicas modernas e mão-de-obra assalariada.

Neste período, os próprios consumidores da região sudeste passaram a não importar o charque da região sul, assim começaram a dar preferência ao charque platino, considerando que ele era mais barato e possuía uma qualidade melhor que o gaúcho. Um dos fatores para a precariedade da produção era que na década de 1830 os gaúchos passaram por diversas secas, enchentes e também pela praga do carrapato (CONSTANTINO, 2000).

A presença de italianos na Revolução Farroupilha foi de uma significativa notoriedade, foram muitos militares que se empenharam na luta, que se iniciou no ano de 1835. Aqui podemos mencionar a importância de grandes figuras como Garibaldi, Rossetti, Zambecari, Castellini, Cuneo, assim como, Gudowski ou Stepanowski, menos conhecidos da mesma Revolução ou das guerras no Prata, no início da década de 1850 (Gertz, 2004). Esses militares italianos acabaram por consolidar-se na província. Nas palavras de Constantino (2000, p. 28):

Não era difícil recrutar militares italianos para a luta no Rio Grande do Sul em decorrência da proximidade com os países latinos. Desde a década de 1820, Buenos Aires e Montevideu possuíam núcleos consideráveis de imigrantes italianos. Nos anos de 1830, eram italianos que controlavam o sistema de navegação interna no rio da Prata; também comércio de cabotagem no continente sul-americano.

A importância em compreender períodos que antecedem a imigração em massa serve para que possamos discernir nossos olhares a uma leva de imigrantes italianos que contribuíram de forma significativa dentro do Estado do Rio Grande do Sul. Durante a virada do século XIX para o XX, a cidade de Porto Alegre recebeu um número significativo de imigrantes. No entanto, esses imigrantes não tinham conhecimento da atividade agrícola, por isso eram direcionados às cidades. Para Ruggiero (2015), esse grupo crescia progressivamente justamente pelas cadeias migratórias. Assim, desenvolviam suas atividades como vendedores ambulantes, vendedores de frutas, alguns comerciantes, outros sapateiros, barbeiros, médicos e farmacêuticos. Os imigrantes trouxeram também uma modernização econômica para um estado que era considerado tradicional (Gertz, 2004, p. 253.).

Os imigrantes vindos ao sul do país foram amplamente distribuídos em diferentes regiões. Em 1908, Antonio Franceschini calculava que existiam aproximadamente 18 mil italianos dentro do Rio Grande do Sul no ano de 1893. Vejamos que neste período a leva de imigrantes superou a saída dos mesmos no país. Então com dados aproximados, Franceschini (FRANCESCHINI apud CONSTANTINO, 2008, p. 56) mostra o número de imigrantes italianos por cidade no Rio Grande do Sul:

Porto Alegre: 6.000

Pelotas: 5.000

Rio Grande: 600

Bagé: 1.000

Dom Pedrito: 200

São Gabriel: 100

Livramento: 100

Uruguaiana: 300

Alegrete: 200

São Borja: 300

Itaqui: 300

Cruz Alta: 250

Cachoeira: 400

Encruzilhada: 1.000

Santo Antônio da Patrulha: 800

Observa-se que a região para onde houve uma concentração de imigrantes foi justamente a cidade de Porto Alegre, logo Pelotas, Bagé e Encruzilhada. Atualmente a capital Porto Alegre possui aproximadamente 1,5 milhão de habitantes, segundo IBGE, ou seja, atualmente é a mais populosa. Essa taxa de crescimento populacional, centralizada em meados do século XX, se deu em decorrência do êxodo rural e também das taxas de fecundidade ao longo dos últimos anos.

Na visão de Gertz (2004), a região mais identificada com o processo de imigração e de colonização de origem italiana, localiza-se no norte e nordeste do estado. Em uma pesquisa realizada há 20 anos, foi possível entender a divisão entre sul e norte no Rio Grande do Sul, partindo de uma linha imaginária a partir da fronteira norte do município de São Borja até fronteira sul do Município de Osório, teriam duas “metades”, a qual foi se modificando no passar do tempo.

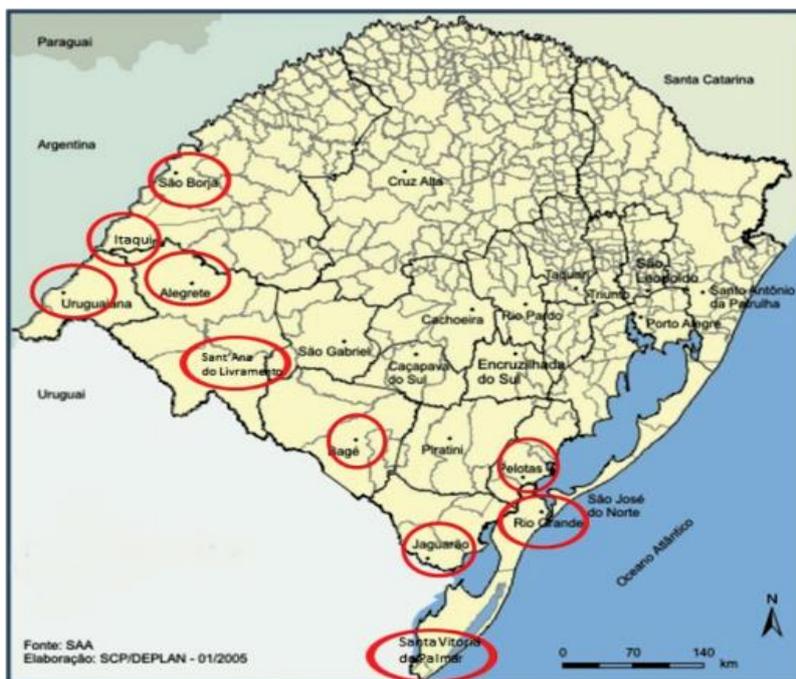
Vejamos o que Gertz discorre sobre o assunto (2004, p. 251):

Em termos de superfície, a “metade” Sul é cerca de 20% maior que a “metade” Norte, mas, em 1920, o número de habitantes das duas partes era mais ou menos igual. Já pelo censo demográfico de 1940, o Norte apresentou uma população 50% superior à do Sul, mostrando o intenso crescimento, durante um período relativamente curto de 20 anos. 2 O Sul ainda apresentava uma densidade maior de pessoas com curso superior (2.695 graduados contra 2.138), mas, do ponto de vista econômico, a produção agrícola apontava para uma relação favorável ao Norte, em um percentual de 65% contra 35%; naquilo que tange ao capital industrial investido, essa relação era de 53% versus 47%; quanto à renda interna municipal de 52% versus 48% – dados que indicam que o estado se encontrava em um claro processo de deslocamento de seu peso demográfico, mas, também, econômico para a “metade” Norte.

É recorrente a associação da migração italiana com a região mais a nordeste do Estado. Todavia, é salutar compreender esse fluxo populacional, embora em menor proporção, em outras regiões do estado. As migrações nas regiões fronteiriças rio-grandenses, ainda são pouco estudadas. Para Ruggiero (2015), elas apresentam características inerentes se comparadas com a imigração urbana em outros estados brasileiros. Para ele, nas regiões fronteiriças houve uma vasta presença de europeus,

principalmente italianos, atraídos especialmente pelas relações comerciais, uma vez que esta apresentava condições relevantes. Esses italianos fixaram-se nessas regiões em virtude do fluxo marítimo que poderia ajudar no comércio.

**Figura 2:** Italianos na fronteira oeste do Rio Grande do Sul no século XIX.



**Fonte:** Micro-história, trajetórias e imigração. Luis Augusto Farinatti, 2015, p. 171.

Vejamos no mapa acima as cidades fronteiriças onde estavam localizados os italianos no Rio Grande do Sul, segundo Cusano (1920), na cidade de Itaqui, os imigrantes italianos correspondiam a aproximadamente 40% dos estrangeiros. Nesta pequena cidade, os habitantes podiam desfrutar de um porto fluvial relevante para o tráfego comercial do Rio Grande do Sul para a Argentina. Vale destacar a importância da *Società Italiana di Mutuo Soccorso Itaquiense*, essa associação era uma das mais influentes dentro do Estado e constitui um marco da presença de matriz italiana no município.

Em Uruguaiana também havia uma colônia italiana sendo considerada uma das mais antigas e com um número relevante de imigrantes. Nesta cidade, no ano de 1879, foi instaurada a *Società Italiana Unione e Beneficenza*, a qual ficava em um palacete com estilo arquitetônico de extrema elegância (Farinatti apud Cusano 1920, p.90).

A Società Italiana Unione Beneficenza, era uma antiga pensão de Dona Ana Beltran, de nacionalidade francesa e esposa do italiano Giuseppe Beltran. Neste local, muitos italianos se reuniram e realizaram grandes festividades. Sua fundação ocorreu no dia 1º de junho de 1879, dentro desta sociedade os italianos e seus descendentes comemoravam datas alusivas à Itália.

**Figura 3:** Edifício da Società Unione e Beneficenza.



**Fonte:** Micro-história, trajetórias e imigração, 2015, p. 174.

No período da Segunda Guerra Mundial, os italianos e seus descendentes no Brasil sofreram com todo o cenário, por isso, a Società tornou-se obrigada a substituir sua denominação para Sociedade Ítalo-Brasileira José Garibaldi. Sua influência foi de grande importância para o município de Uruguaiana, uma vez que, o fortalecimento do comércio e da agricultura se deve, em grande parte, aos italianos instalados nesta região.

A partir de estudos, Constantino (2000) revela que a partir de 1870, começaram a ser fundadas as sociedades italianas nos núcleos urbanos, bem como citado acima. Foram instauradas sociedades nas cidades de Alegrete, Jaguarão, Quaraí, Sant'Ana do Livramento, Santa Vitória do Palmar e Uruguaiana. A primeira sociedade a ser fundada foi na cidade de Bagé, já no ano de 1877 foi sede da agência consular encarregada de atender à região fronteiriça. Na cidade de Rio Grande, por exemplo, já existia a presença de italianos no século XIX. Por ser uma região portuária, muitos

ingressam de suas províncias, assim acabavam por permanecer nesta região.

Para que esses grupos de imigrantes chegassem até Porto Alegre, o trajeto era feito de trem, mas também poderia ser realizado através de transporte marítimo. O desembarque dos imigrantes italianos no território brasileiro aconteceu nos Portos de Santos e do Rio de Janeiro. Do ano de 1953 até 1958, o porto de Santos foi o lugar em que desembarcaram mais de 50% do total de estrangeiros (Conedera apud Diegues 1964, p. 310-311). Paulo Roberto Rodrigues Soares aponta que:

A imigração internacional no século XX (de alemães, italianos, portugueses, espanhóis, sírio-libaneses, judeus, ingleses, poloneses) trouxe ao estado número significativo de comerciantes industriais, profissionais liberais e operários qualificados, dos quais muitos se constituíram em importantes agentes empreendedores e inovadores em terrenos econômicos, sociais e culturais (2007, p, 300).

Observa-se na citação acima o impacto que os imigrantes causaram no Rio Grande do Sul, além do povoamento significativo, também foram peças chaves no desenvolvimento econômico das principais cidades do Estado. Nesse sentido, Alexandre Fortes explica:

[...] as levas de alemães e italianos e para a intensificação da vinda de cidadãos dos mais variados países do Leste Europeu. [...] Os trabalhadores foram trazidos à capital em função dos trabalhos de expansão na Viação Férrea. Estabelecendo moradia próxima as fábricas, abrindo as ruas e loteando as antigas chácaras, a fixação desses migrantes levou à integração, na paisagem urbana de Porto Alegre, de um bairro operário multi técnico: o Navegantes – São João, que logo viria a ser administrativamente como núcleo Quarto distrito da cidade (2004, p. 39).

Vejamos que nem todos os imigrantes foram direcionados às áreas rurais, alguns trabalhavam em outros setores, assim como, trabalhos relacionados à expansão de Viação Férrea, na cidade de Porto Alegre, século XX. Hutter (1987) revela que após o final da Segunda Guerra Mundial, os imigrantes que se dirigiram à América Latina não eram apenas operários e agricultores, mas também pessoas de grande ascensão social, entre eles estavam empresários e gerentes de indústrias.

No ano de 1951, foi instaurado um comitê que se dedicava, em especial, aos problemas relacionados aos europeus. Hutter (1987) aborda em seus textos que o

próprio Brasil, além de participar deste comitê, ainda votou favorável à sua aplicação. Através deste acordo, o país comprometeu-se a amparar os estrangeiros para que eles pudessem auxiliar no desenvolvimento econômico e cultural.

Na década de 1960 ocorreram duas mudanças, uma delas no Brasil, outra na Europa, essas modificações deram início ao baixo número de imigrantes, uma destas mudanças foi a ampliação das escolas de profissionalização, com esse crescimento a demanda por estrangeiros acabou sofrendo uma queda. A Europa, neste mesmo período, estava pouco a pouco crescendo economicamente, assim os trabalhadores do sul da Europa, que anteriormente migraram para a América, passaram a ir para outras regiões, assim como, Alemanha e Holanda (HUTTER, 1987. p. 69).

Hutter (1987) conclui que, a imigração para o Brasil teve um lado negativo, mas que mesmo assim deixou um saldo positivo, esses imigrantes tiveram que trabalhar arduamente e, conseqüentemente, enfrentar uma série de problemas sociais. Então, além de deixar uma vida para trás, ainda tiveram que passar por inúmeros percalços até chegar a uma condição financeira favorável.

Para Beneduzi (2005, p. 279):

Com o florescimento das colônias, já no início do século XX, casas em pedra, com ou sem reboco, começaram a ser construídas: marcadas ainda estavam as características arquitetônicas das regiões de procedência. A tradicional casa colonial vêneta de dois ou três pisos pode ser vista nas mais diversas localidades de colonização italiana na serra gaúcha.

Aqui vemos a importância em carregar consigo suas origens, uma vez que o estilo arquitetônico predominante, lembrava/lembra suas próprias casas na Itália. De uma forma muito graciosa, essas casas eram divididas em três espaços, o andar de baixo servia para estocar as produções de queijos, salames e vinhos. Na parte de cima, ficava o espaço da vida social, lugar em que podiam compartilhar suas vivências. O terceiro piso era a parte mais íntima da família, onde se encontravam seus aposentos.

### 3. INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 Direcionamento da pesquisa

Na ideia de Lakatos (2003), a nossa preocupação em descobrir e elucidar algumas questões ocorre desde os primórdios da vida, ou seja, a busca por respostas é o que motiva o indivíduo a analisar de forma crítica as coisas do nosso mundo. Entretanto, nem sempre foi assim, o senso comum aliado ao pensamento religioso em um tempo passado ao nosso, trouxe respostas fechadas aos acontecimentos da natureza, apenas no século XVI é que isso começa a mudar, isso ocorre quando as observações passam a ser realizadas de forma científica.

Nesse sentido realizou-se neste trabalho de campo uma análise acerca da imigração italiana para a cidade de São Borja. Além da investigação do problema, que foi compreender como se deu a vinda de italianos para o município de São Borja, também foi realizada uma revisão bibliográfica, a qual contou com autores da área. A pesquisa de campo contou com a realização de entrevistas, tendo em vista o contexto pandêmico, elas foram realizadas de modo virtual através do *whatsapp*, contando com o seguinte roteiro de perguntas:

#### 3.2 Aplicação do questionário

Anteriormente à elaboração das respectivas perguntas foi realizada uma pesquisa etnográfica para que pudéssemos fazer o mapeamento de alguns sobrenomes de origem italiana. Para isso, usamos uma plataforma virtual, dentro da qual encontramos inúmeros sobrenomes de origem italiana, logo, foram pontuados dez deles, a seleção foi feita a partir da proximidade já existente com as famílias entrevistadas. Assim, foram selecionadas as respectivas famílias: Aquino, Canterle, Machry, Martini, Rutilli, Tiecher, Moretti, Sasso, Zanella e Luraschi.

As informações foram recolhidas a partir do *whatsapp*, mas nem todas as famílias conseguiram responder, então a pesquisa foi um pouco difícil nesse sentido, só que em virtude da covid-19 concluímos que a melhor forma ainda seria através desta plataforma virtual. O início deste trabalho aconteceu a partir de uma mensagem direcionada a cada uma das famílias, contendo uma breve apresentação, dentro da

qual estavam informações a respeito da pesquisa, do seu objetivo e da sua importância para toda a comunidade são-borjense. Para manter a discrição de cada uma das famílias entrevistadas, foi decidido que cada uma delas receberia um número para a publicação das respostas, a maioria das famílias optou por respostas escritas.

No primeiro momento, todas as famílias foram muito receptivas, e ficaram curiosas para saber do que se tratava a pesquisa, algumas foram buscar informações para depois retornar ao questionário e responder as perguntas de forma correta. Considerando que a maioria dos entrevistados já faz parte da terceira e quarta geração dos descendentes, alguns sabiam pouco sobre sua história, assim recorreram aos mais velhos, pais e avós. O decorrer da aplicação foi importante para captar o envolvimento que cada um já possuía com a cultura italiana, considerando que uma das famílias entrevistadas não sabia ainda a origem do seu sobrenome, aqui salienta-se a importância da pesquisa, pois além de buscar informações também pôde contribuir com o entrevistado.

#### **4. DESCENDENTES DE ITALIANOS EM SÃO BORJA**

O levantamento de campo com famílias descendentes de italianos em São Borja teve predomínio de entrevistados na faixa etária dos 40, ao mesmo tempo em que a pesquisa também contemplou uma diversidade de gerações, pois contou com jovens, adultos e idosos, o que se comprova nas famílias 2, 3 e 4, sendo que seus representantes possuem 21 anos, 48 anos e 73 anos. As respostas também foram variadas. Nesse sentido, os entrevistados que possuem mais de 40 anos trouxeram informações mais completas sobre a sua descendência, o que pode estar relacionado à questão geracional, uma vez que nas identidades mais jovens, a questão étnica é menos evidente, o que leva à compreensão que são identidades mais descoladas dos contextos familiares. Todavia, no geral, o recurso do questionário articula as informações do processo de vinda para o município, bem como a forma de compreensão das novas gerações referente às suas tradições e identidades de sua matriz étnica.

Com as transformações no conjunto familiar e uso da terra, observou-se a redução do número de membros das famílias em decorrência da redução da taxa de

fecundidade. Aqui tem-se que o processo de modernização do campo reduziu o número necessário de trabalhadores, assim como a tendência geral de diminuição dessa taxa em decorrência dos avanços na medicina e transformação do perfil familiar. A família 2, por exemplo, conta atualmente com 7 membros no município, quando a família 6 possui apenas 1 integrante residindo em São Borja, ou seja, há uma disparidade no número de integrantes de uma para outra. Seguindo nesse aspecto, o restante das famílias 1, 3, 4, 5, 7 e 8 não possuem mais do que 10 familiares inseridos no município.

Entre as 10 famílias presentes na pesquisa, apenas 4 nasceram em São Borja, considerando que entre elas apenas 1 possui mais de 50 anos, o restante dos entrevistados 1, 2 e 7 não possuem 30 anos ainda. Os outros entrevistados têm como naturalidade cidades próximas à região noroeste do Estado, como Inhacorá e Ijuí, outros deles entre Santiago e Porto Alegre. Atualmente apenas as famílias 1 e 4 residem na zona rural, a fonte de renda continua sendo a agricultura, a família 1 planta arroz, soja e trigo, já a família 4 trabalha apenas com a produção da soja. Já no que diz respeito às famílias que residem na zona urbana, apenas o entrevistado da família 2 é estudante, o 3 é caminhoneiro, o 5 autônomo, o 6 empresário, o 7 advogado e o 8 trabalha no comércio.

E na busca de compreender o motivo da vinda dessas famílias, buscou-se identificar tanto o local de origem quanto o motivo. O levantamento demonstrou que a motivação da migração das famílias para São Borja decorreu dos valores da terra. Ressalta-se que em média esses deslocamentos ocorreram na década de 1960, em um contexto de queda da importância da pecuária e avanço das culturas de arroz e soja em decorrência da modernização quanto à maquinários e insumos.

Em relação aos vínculos étnicos, buscou-se identificar o que essas famílias reproduzem/preservam dos costumes associados aos descendentes de italianos, como por exemplo, festas tradicionais, produção de vinhos e costumes religiosos. Na mesma perspectiva da observação da faixa geracional, percebe-se que 5 representantes dessas famílias demonstraram a preservação de tradições, na família 4 por exemplo, ainda se produz o vinho tinto, considerada característica marcante dos descendentes de italiano. As famílias 2, 4, 5 e 6 possuem algum tipo de tradição relacionada à cultura italiana, bem como, a gastronomia e outras.

No que diz respeito às festas tradicionais, apenas as famílias 1, 4 e 7 responderam que ainda mantêm esses encontros, por outro lado, na família 5 a tradição acabou se perdendo ao longo dos anos, já a família 8 alega que não há nenhum tipo de tradição na sua família. No que se refere à fé católica, as famílias 3 e 4, frequentam de forma assídua a igreja, mantendo tradições repassadas de uma geração para outra.

Embora o grande fluxo de imigrantes de origem italiana tenha vindo apenas no século XIX, há registros de imigrantes por todo o Rio Grande do Sul anteriores a essa data. Entretanto, nas últimas décadas do século XX, novas gerações, pertencentes à primeira geração de descendentes, também acabaram por migrar para a região de São Borja, buscando formas para sobreviver, no caso da fronteira, esses povos buscavam espaços em que pudessem adquirir terras ou propriedades. Na presente pesquisa ficou evidenciado que a cada dez famílias descendentes de italianos, apenas duas famílias ainda seguem na zona rural, trabalhando na agricultura e pecuária.

Ficou evidenciado nesta pesquisa que os descendentes, até mesmo pertencentes à terceira geração, possuem algum tipo de ligação com a cultura italiana, assim seguem mantendo as tradições, bem como a produção em pequena escala de iguarias como queijos, salames, bolachas e, em alguns casos, a produção do vinho tinto, além dos pratos típicos pertencentes a gastronomia italiana. No que diz respeito às práticas familiares, a religião católica segue sendo praticada por seus descendentes, uma vez que é considerada uma tradição resistente entre os italianos.

A receptividade dos entrevistados também é um ponto a ser considerado, pois de dez famílias, apenas duas não obteve disponibilidade para responder a pesquisa, mas mesmo assim, ambas agradeceram a procura e o interesse no assunto. Os resultados da pesquisa foram engrandecedores, uma vez que metade dos entrevistados possuem ligação com as tradições italianas deixadas pelos seus antepassados italianos.

## 5. CONCLUSÃO

A pesquisa deste trabalho possibilitou um olhar mais aprofundado no que diz respeito à imigração italiana para o Brasil, no sentido de compreender como se deu o processo imigratório, suas dificuldades e também suas contribuições para nosso cenário econômico, cultural e social, nesse país que é berço de tantas outras importantes etnias. Na primeira parte deste projeto, procurou-se destacar o cenário em que se encontrava a Itália anterior às grandes imigrações, assim salientou-se o contexto de adversidade pelo qual a mesma estava passando, e o papel do italiano dentro da crise, bem como a saída do seu país de origem para outro ainda desconhecido.

No decorrer da pesquisa evidenciamos a importância da imigração italiana, especialmente para o sul do país, de modo que destacamos outras imigrações também relevantes para o Estado do Rio Grande do Sul, bem como, a imigração açoriana e alemã, ressaltando também a relevância dos indígenas que já habitavam no território gaúcho. Na sequência abordou-se a questão do colono italiano no Sul, sua instalação nesta região, suas contribuições e, conseqüentemente, sua história evidenciada através de um discurso honesto a respeito das suas lutas.

A partir da compreensão acerca da chegada do italiano ao sul ocorreu um direcionamento a algumas regiões do Estado, no caso específico desta pesquisa, falou-se sobre a origem de imigrantes/descendentes nas regiões fronteiriças, em particular São Borja e, como chegaram até esse território ainda no século XX. Os resultados obtidos nesta revisão de literatura trouxeram uma compreensão acerca do contexto histórico do próprio Brasil e da Itália durante os séculos XIX e XX, dessa forma, foi realizada uma análise diante dos motivos de saída de um país que estava sendo paulatinamente consolidado para outro que aos poucos estava se desenvolvendo.

Os recursos utilizados neste trabalho contribuíram de forma significativa para o entendimento acerca do assunto, pois foram elencados autores relevantes no assunto, como por exemplo, Constantino e Laroque, os quais foram de extrema importância no desenvolvimento da pesquisa. O trabalho de campo foi favorável no sentido em que evidenciou o que foi abordado nos conceitos gerais e na revisão de literatura, de forma que, trouxe uma maior visibilidade para a compreensão do estudo.

Esse foi um passo inicial na pesquisa e certamente motivará para continuidade de trabalhos nessa temática, pois há sempre o que melhorar dentro de um estudo tão grandioso quanto a imigração italiana.

## REFERÊNCIAS

- BENEDUZI, Luís Fernando. **Conquista da terra e civilização do gentio: o fenômeno imigratório italiano no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p. 271-294, jan./dez. 2005.
- CENNI, Franco. **Italianos no Brasil: "Andiamo in 'Merica"**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud: 1875-1925**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000. v. I, p. 388.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Italiano na cidade: a imigração itálica nas cidades brasileiras**. Passo Fundo: UPF, 2000.
- CUSANO, Alfredo. **Il Paese dell'Avvenire**. Rio Grande do Sul. Roma, São Paulo, Buenos Aires: L'Italo-Sudamericana, 1920.
- DACANAL, J.H. **RS: Imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1992.
- JAHNEL, T. C. **As Leis de Terras no Brasil**. Boletim Paulista de Geografia. n. 65. 1987, p. 105-116.
- FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas**. Caxias do Sul: Garamond, 2004.
- Hutter, L. M. (1987). Imigração italiana: aspectos gerais do processo imigratório. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, (27), 59-73. **Disponível em:** <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i27p59-73>. **Acesso em:** 02/12/21
- BRASIL. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.**
- RUCKERT, Fabiano Quadros. **A colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul: uma abordagem na perspectiva da História Comparada**. **Revista brasileira de história e ciências sociais**, v.5, nº 10, dez 2013.
- VENDRAME, Maíra Ines. et al. **Micro-história, trajetória e imigração**. Oikos Ltda, 2015.
- MANTELLI, Jussara. **Geografia**. Rio Claro, v.31, nº 2, pág 269-278, mai./ ago, 2006.
- CHRISTILLINO, Cristiano Luís. **Litígios ao sul do Império: a Lei de Terras e a consolidação política da Coroa no Rio Grande do Sul (1850-1880)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.
- GUIMARÃES, Alberto Passos. **Quatro séculos de latifúndio**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História da indústria sul-rio-grandense**. Porto Alegre: Riocell, 1985.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora UnB, 1990.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização. In: GERTZ, René E. (Org.) **História Geral do Rio Grande do Sul**. República: da revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007. V. 4. p.298.

WOORTMANN, Ellen. **Herdeiros, parentes e compadres**: colonos do sul e sitiantes do nordeste. São Paulo-Brasília: Hucitec e Ed UNB, 1995.

SEYFERTH, Giralda. Identidade camponesa e identidade étnica: um estudo de caso. **Anuário Antropológico 91**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p.31-63, 1993.

SEYFERTH, Giralda. **O Regionalismo da tradição na perspectiva nacionalista**: a identidade regional segundo Gilberto Freyre. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL NOVO MUNDO NOS TRÓPICOS**, Recife, 21 a 24 mar. de 2000. Anais Seminário Novo Mundo nos trópicos. Recife: FGF, 2000. Disponível em: Acesso em: 01/02/2021.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e nacionalismo**: o discurso da exclusão e a política imigratória no Brasil. In: Castro, Mary Garcia (Coord.). **Migrações internacionais**: contribuições para políticas. Brasília: CNPD, 2001.

## **ANEXOS 1**

Questionários

### **Família 1**

Respostas:

**Qual sua idade?**

*27 anos.*

**Tempo de moradia em São Borja? Por que sua família resolveu vir para esta cidade?**

*Eu moro desde que nasci, mas minha família já reside a cerca de 40 anos, acredito que tenha vindo morar aqui em busca de novas oportunidades.*

**Quais tradições italianas ainda mantêm na sua família?**

*Tradições propriamente ditas não se mantêm em família que eu saiba.*

**Existe alguma relação com descendentes de italianos? Do tipo festas familiares, encontros anuais?**

*São realizadas festas anuais para encontro de todos os familiares.*

**Por que você escolheu morar em São Borja?**

*Fique em São Borja pela proximidade com a família.*

**Você reside na zona rural ou urbana?**

*Eu resido tanto em área urbana como rural.*

**Qual o trabalho da sua família? No campo ou na cidade?**

*A minha família trabalha com agricultura na zona rural.*

**Quantos membros da sua família ainda residem em São Borja?  
Aproximadamente.**

*Praticamente todos os familiares ainda residem em São Borja, exceto minha irmã que mora em Uruguaiana.*

**Hoje, qual a principal fonte de renda?**

*A principal fonte de renda ainda segue sendo a agricultura.*

**Qual a primeira geração da sua família que chegou em São Borja? Bisavós, avós, pais...**

*A primeira geração que veio para sb foram meus avós.*

**Família 2**

Respostas:

**Qual sua idade?**

*21 anos.*

**Tempo de moradia em São Borja? Por que sua família resolveu vir para esta cidade?**

*21 anos. Foi o bisavô da minha mãe, moramos a um bom tempo já, acredito que pela familiaridade da região.*

**Quais tradições italianas ainda mantém na sua família?**

*Essas tradições são mais pro alemão, mas pro lado do meu avô, algumas tias produzem vinhos e queijos.*

**Existe alguma relação com descendentes de italianos? Do tipo festas familiares, encontros anuais?**

*Sim, o avô do meu avô era imigrante italiano.*

**Por que você escolheu morar em São Borja?**

*Nasci aqui.*

**Você reside na zona rural ou urbana?**

*Urbana.*

**Qual o trabalho da sua família? No campo ou na cidade?**

*Na cidade, não tem um trabalho em conjunto todo mundo.*

**Quantos membros da sua família ainda residem em São Borja?**

**Aproximadamente.**

*Todos, mais de 7.*

**Hoje, qual a principal fonte de renda?**

*Comércio.*

**Qual a primeira geração da sua família que chegou em São Borja? Bisavós, avós, pais...**

*Meu vô.*

**Família 3**

Respostas:

**Qual sua idade?**

*73 anos.*

**Tempo de moradia em São Borja? Por que sua família resolveu vir para esta cidade?**

*Tempo de moradia 43 anos em São Borja a vinda para São Borja foi a agricultura, pois o arrendamento de terras era mais em conta.*

**Quais tradições italianas ainda mantém na sua família?**

*As tradições que ainda sigo é a participação na igreja católica.*

**Existe alguma relação com descendentes de italianos? Do tipo festas familiares,**

**encontros anuais?**

*As relações com descendentes italiano somente a família mais próxima exemplo tios, primos, irmãos, etc.*

**Por que você escolheu morar em São Borja?**

*Pelo valor da terra.*

**Você reside na zona rural ou urbana?**

*Zona urbana.*

**Qual o trabalho da sua família? No campo ou na cidade?**

*Em ambos, pois trabalho como caminhoneiro hoje.*

**Quantos membros da sua família ainda residem em São Borja?**

**Aproximadamente.**

*Somente a minha família, minha esposa, filhos e filhas e netos e netas.*

**Hoje, qual a principal fonte de renda?**

*Trabalho do caminhão.*

**Qual a primeira geração da sua família que chegou em São Borja? Bisavós, avós, pais...**

*Quem veio para esta cidade foi um primo meu, o restante da família são todos de Ijuí.*

**Família 4**

Respostas:

**Qual sua idade?**

*48 anos.*

**Tempo de moradia em São Borja? Por que sua família resolveu vir para esta cidade?**

*Estou em São Borja há aproximadamente 40 anos.*

**Quais tradições italianas ainda mantém na sua família?**

*A minha família possui muitas tradições, por exemplo, ir à missa aos domingos, reunir a família sempre que possível, a fabricação de queijos, salames, bolachas e vinho para consumo próprio.*

**Existe alguma relação com descendentes de italianos? Do tipo festas familiares, encontros anuais?**

*Atualmente existe um encontro, no qual reunimos todos os descendentes dos irmãos do meu avô, o último foi realizado em Santo Augusto - Rio Grande do Sul.*

**Por que você escolheu morar em São Borja?**

*Meus pais vieram para o interior do município de São Borja quando eu era criança, segundo eles, pelo valor da terra e pela familiaridade com a região.*

**Você reside na zona rural ou urbana?**

*Zona rural.*

**Qual o trabalho da sua família? No campo ou na cidade?**

*Nosso trabalho é todo voltado para a agricultura e pecuária.*

**Quantos membros da sua família ainda residem em São Borja?  
Aproximadamente.**

*Quase todos, exceto dois irmãos.*

**Hoje, qual a principal fonte de renda?**

*Agricultura e pecuária.*

**Qual a primeira geração da sua família que chegou em São Borja? Bisavós, avós, pais...**

*O primeiro a chegar ao município foi meu tio paterno, logo meu pai, com minha mãe*

*e dois filhos.*

### **Família 5**

Respostas:

#### **Qual sua idade?**

*71 anos.*

#### **Tempo de moradia em São Borja? Por que sua família resolveu vir para esta cidade?**

*Na zona urbana, vim morar nessa cidade com apenas 2 anos de idade, meu pai recebeu convite da família Goulart para trabalhar como engenheiro agrônomo.*

#### **Quais tradições italianas ainda mantém na sua família?**

*A gastronomia italiana sempre foi muito apreciada pela minha família.*

#### **Existe alguma relação com descendentes de italianos? Do tipo festas familiares, encontros anuais?**

*Sim. Tínhamos encontros todos anos com a família.*

#### **Por que você escolheu morar em São Borja?**

*Vim morar com meus pais por opção própria deles.*

#### **Qual o trabalho da sua família? No campo ou na cidade?**

*Zona urbana.*

#### **Quantos membros da sua família ainda residem em São Borja? Aproximadamente.**

*Seis pessoas da minha família residem em São Borja, com suas respectivas famílias.*

#### **Hoje, qual a principal fonte de renda?**

*Nove são empresários ou autônomos.*

**Qual a primeira geração da sua família que chegou em São Borja? Bisavós, avós, pais...**

*A primeira geração que chegou em São Borja, foram meus pais. Com seus filhos pequenos.*

**Família 6**

Respostas:

**Qual sua idade?**

*56 anos.*

**Tempo de moradia em São Borja? Por que sua família resolveu vir para esta cidade?**

*Migração cisplatina na virada do 1800 para 1900, nos primeiros anos do século XX a imigração italiana mais propagada é a que foi realizada depois da segunda grande guerra 1945 - Caxias do Sul, Bento Gonçalves - Garibaldi. Em 1910 foi imigração italiana vinda para o Rio do Prata. 2 irmãos da família A. foram para o Paraguai e 1 veio para o Brasil. Deste é que somos descendentes. Nasci em Santiago e logo vim para São Borja. Nascimento até os 6 anos em São Borja. Dos 6 aos 22 em Porto Alegre. Toda a escolaridade em POA. Apenas o PRÉ fiz em São Borja. Voltei já com formação em Engenheiro Agrônomo. Dos 22 aos 56 anos, novamente em São Borja*

**Quais tradições italianas ainda mantém na sua família?**

*Algumas.*

**Existe alguma relação com descendentes de italianos? Do tipo festas familiares, encontros anuais?**

...

**Por que você escolheu morar em São Borja?**

*A minha família se localiza entre as cidades de São Borja e Santiago. O meu bisavô J.A dos Santos Fagundes foi um homem de visão e comprou uma vasta área de campo. Meu avô, C. A. F, veio para São Borja e firmou família em São Borja. Meu tio-avô, S. F. A firmou família em Santiago*

**Você reside na zona rural ou urbana?**

*Urbana.*

**Qual o trabalho da sua família? No campo ou na cidade?**

*Ambos.*

**Quantos membros da sua família ainda residem em São Borja?  
Aproximadamente...**

*Apenas 1.*

**Hoje, qual a principal fonte de renda?**

...

**Qual a primeira geração da sua família que chegou em São Borja? Bisavós, avós, pais.**

*Meus pais.*

**Família 7**

Respostas:

**Qual sua idade?**

*26 anos.*

**Tempo de moradia em São Borja? Por que sua família resolveu vir para esta cidade?**

*Resido em São Borja desde o nascimento. Já são no mínimo 5 gerações morando na cidade, acredito que tenha sido o lugar que se instalaram após a chegada da Itália.*

**Quais tradições italianas ainda mantém na sua família?**

*As tradições se perderam há bastante tempo.*

**Existe alguma relação com descendentes de italianos? Do tipo festas familiares, encontros anuais?**

*Temos o encontro da Família Sasso todo dia 1º de cada ano.*

**Por que você escolheu morar em São Borja?**

*Por ter toda minha família em São Borja ou na região.*

**Você reside na zona rural ou urbana?**

*Do nascimento até os 17 anos na zona rural e desde então na zona urbana.*

**Qual o trabalho da sua família? No campo ou na cidade?**

*Meus pais são agricultores, meus avós eram pecuaristas.*

**Quantos membros da sua família ainda residem em São Borja? Aproximadamente.**

*A grande maioria permanece em São Borja.*

**Hoje, qual a principal fonte de renda?**

*Agricultura.*

**Qual a primeira geração da sua família que chegou em São Borja? Bisavós, avós, pais...**

*Acredito que tenha sido meu tetravô, que após chegar da Itália se instalou em Garruchos, que na época pertencia a São Borja.*

**Família 8**

Respostas:

**Qual sua idade?**

*52 anos.*

**Tempo de moradia em São Borja? Por que sua família resolveu vir para esta cidade?**

*Para estudar.*

**Quais tradições italianas ainda mantém na sua família?**

*Não mantemos as tradições.*

**Existe alguma relação com descendentes de italianos? Do tipo festas familiares, encontros anuais?**

*Não.*

**Por que você escolheu morar em São Borja?**

*Pela familiaridade.*

**Você reside na zona rural ou urbana?**

*Morava na zona rural, atualmente na zona urbana.*

**Qual o trabalho da sua família? No campo ou na cidade?**

*Cidade.*

**Quantos membros da sua família ainda residem em São Borja?**

**Aproximadamente.**

*Toda família.*

**Hoje, qual a principal fonte de renda?**

*Comércio.*

**Qual a primeira geração da sua família que chegou em São Borja? Bisavós, avós, pais...**

*Meus pais.*

**Família 9**

Respostas:

*Não obtivemos respostas.*

**Família 10**

Respostas:

*Não obtivemos respostas.*